

Profissão de fé na canção

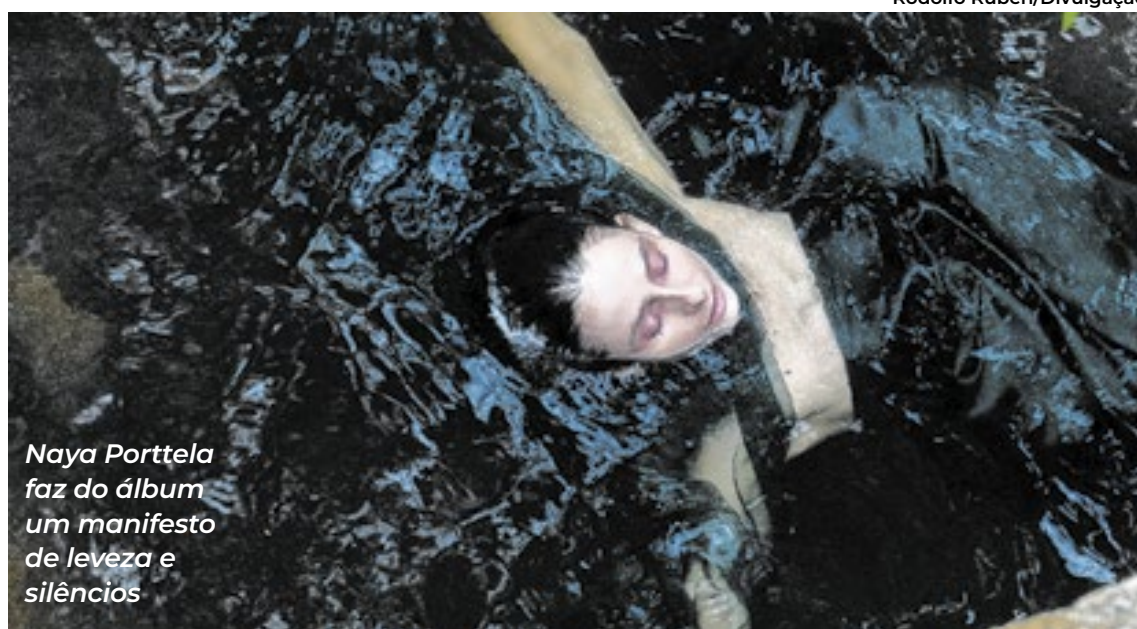
Nay Porttela lança 'Alvorada', trabalho intimista que privilegia texturas acústicas

Por Affonso Nunes

Numa era em que a inteligência artificial redefine os processos criativos da música, Nay Porttela caminha suavemente pela contramão com seu novo álbum "Alvorada", já disponível nas plataformas digitais. O trabalho emerge como um manifesto silencioso em favor da canção pura, moldada com instrumentos acústicos, colaborações humanas resultando em delicadas texturas melódicas. Aqui as pausas têm algo a dizer.

Depois de dois discos de releituras e dois de composições autorais, a cantora acredita ser este o seu trabalho mais maduro, apostando na sofisticação da canção brasileira com arranjos que privilegiam o piano, o violão e a viola explorando sonoridades que perpassam a bossa nova, o samba, o jazz e a música regional brasileira.

A travessia emocional do álbum começa com "Doce", colaboração com a artista japonesa Yuga, lançada como single em fevereiro. A faixa cruza samba e minimalismo japonês. A percussão brasileira dialoga com elementos etéreos.



Naya Porttela faz do álbum um manifesto de leveza e silêncios

"Inverno Sem Verão" nasce de parceria com os compositores Juan Max, Alan Souza, Diego Naza e Anderson Ovo, onde Nay canta o fim de um amor com delicadeza de quem conhece a dor mas se recusa a dramatizá-la.

Em "Seu Dengo", o afeto reaparece em forma de reencontro. Percussões afro-brasileiras, sintetizadores suaves e violão embalam letra sobre voltar a sentir e se permitir ser

cuidado.

"Sempre Vou Te Amar" apresenta a delicadeza da viola de Rafael Eloy dialogando com piano e sinos tocados pela própria Nay, criando atmosfera orgânica e intimista. E "Rio" é uma bossa nova contemporânea com bateria de Marco da Costa.

Durante o processo criativo, Nay também assinou todo o figurino usado nos ensaios, colocando

em prática sua formação em Design de Moda. "A moda sempre foi, para mim, uma forma de me comunicar e expressar. Eu modelo, corto e costuro todos os meus figurinos de shows para transmitir, através do visual, uma experiência que vai além da música", conta. Em "Alvorada", essa conexão entre som e imagem aparece de forma ainda mais sensível, reforçando conceitos de presença, leveza e identidade.

CRÍTICA / DISCO / COMPOSITOR

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos de "Compositor" (independente), recém-lançado pelo compositor, cantor e instrumentista Péricles Cavalcanti. Após gravar ao menos dez álbuns, Cavalcanti entregou-se agora à antiga disposição de registrar as suas obras feitas para filmes e peças. Antes de seguir, devo dizer que acompanho à distância a carreira deste que considero um trabalhador luminar de canções.

"Compositor" é um EP com sete músicas e duração aproximada de 16 minutos. Talvez tempo curto demais para quem nele se debruçar vorazmente. Pois ali encontrará uma atmosfera plena de segredos que se abrem ao ouvinte, cativando-o, deixando-o pronto para novas descobertas.

E as belezas, que não se fazem de rogadas, surpreendem a cada harmonia, a cada acorde e a cada

ritmo, impregnando os ouvidos de bons e bem-vindos momentos. Vamos às músicas!

"Tema de Anna K" (de Anna K, filme de José Roberto Aguilar – 2015). Com arranjo em que brilham Bruno Serroni (cello), Marcelo Monteiro (flauta), Atílio Marsiglia (violino) e o próprio Péricles Cavalcanti no violão e no baixo, a magia encanta ao se valer de uma pegada plena de suíngue.

"Canção das Desgraças das Criancinhas" (de "Os Sertões" de Euclides da Cunha, montagem do Teatro Oficina dirigida por Zé Celso Martinez Corrêa – 2002/2006): o ritmo que embala os versos, quase recitados por vozes mistas, cha-

Os sons de Péricles Cavalcanti



Divulgação

mam a atenção para a abordagem social de Euclides da Cunha (1866 – 1909).

"Tema para Lina e Pietro Bardi", do curta Quem é Bardi (direção de José Roberto Aguilar – 2000): segundo informa PC, é uma de suas preferidas. Intensa, a intro soa com destaque para o piano e logo

cai num samba balançado, sob encargo de Cid Campos (viola, teclados, baixo) e Leo Cavalcanti (percussões), filho de PC.

"Fantasia Monkiana" (de Mil e Uma, filme de Suzana de Moraes – 1993): feita em homenagem a Suzana, PC a considera meio que uma paródia instrumental de composições do pianista e compositor norte-americano Thelonious Monk (1917-1982). Tema originalmente sem letra, que ganhou versos cantados por PC.

"Natureza Viva" (também do curta Quem é Bardi?): outro bom samba com belo arranjo de concepção minimalista.

"Tema de Alice" (também de Mil e Uma): gravada no filme por

Adriana Calcanhotto, aqui vem pela voz de PC, que enfim confessa ter "descoberto" o gênero musical do seu tema: é valsa!

"Gloriette" (vídeo dos Irmãos Campana, direção de José Roberto Aguilar – 2000) fecha a tampa do EP. A caixa da bateria vem e embala o tema digno de uma retreta interiorana. O arranjo ganha destaque no trompete de Claudio Faria, na guitarra de Guilherme Held e nas percussões de Décio 7.

E assim, aproximei-me do trabalho de um cara a quem sempre admirei, mas que só agora me pus a ouvir com determinada atenção. Ouça o álbum em <https://acesse.one/QetxI>.

Ficha técnica

Produção musical: Péricles Cavalcanti; capa: Lidia Chaib e Péricles Cavalcanti.

*Vocalista do MPB4 e escritor